

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.023

Quinta-feira, 23 de Março de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha — Lisboa — Telef. 5339-0

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

A hora é de sacrifício!

A carestia da vida deve-se ao operariado que, ambicioso, sem consideração pelo desgraçado consumidor, não pensa noutra coisa senão no aumento de salário. Diabreiros, dinheiro e mais dinheiro arrancado violentamente ao cofre do burguês faminto rodeado de filhos que reclamam pão em gritos aflitivos. Volta não volta uma greve, a vida social paralisa-se e os bons capitalistas, clamando sobre o outro remédio não têm senão desfazer-se dos móveis poltranas das suas casas modestas, empregar a camisa para satisfazer as desmedidas exigências do operariado. Depois, os géneros atingem preços fantásticos, as rendas das casas constituem verdadeiras fortunas, qualquer peça de vestuário custa um dinheirão. Tudo por causa do operariado que vive principescamente, que nos salpa da lama, quando passa nos seus automóveis, que assambram, rouba no pó, manda acutillar os burgueses esfaumados em plena praça pública. O aumento do salário produziu um desequilíbrio social assustador. Os trabalhadores são duma insolência insuperável; ninguém pode com eles... A continuar este estado lamentável de coisas caminhamos para a bancarrota, infelizmente. E quem é o culpado dessa desgraça? O operariado! Sim, o operariado que tem aumentado a circulação fiduciária até ao impossível; o operariado que envolveu o país na famosa negociação dos cincoenta milhões de dólares; que provocou os escandalos administrativos nos Transportes Marítimos do Estado; que assambram o balthau, o açúcar, o feijão, o carvão e o arroz; que tem especulado na Bolsa com a pobreza da nação; que manda ministros para o estrangeiro a ganhar dezenas e dezenas de escudos por dia, que tudo tem corrompido e desmoralizado só para servir os seus inconfessáveis interesses.

GRITOS HUMANOS

As necessidades da vida, sempre impetuosas, levaram-na a abandonar o lar paterno, tendo tomado a resolução de aceitar o lugar de criada, vago em uma casa da cidade próxima. E foi. No dia em que partiu teve um arripiante pressentimento de desgraça... Vira-o, ao amanhecer, coberto de grossas nuvens negras, agitando-se vagarosamente como terríficas personagens Shakespearienses, e esse facto impressionou-a de tal modo que, em toda a sua fantasia supersticiosa.

Custava-lhe abandonar a mãe e os irmãos os estarrapados, mas mais lhe custava ainda passar diariamente a fome torturante que visita a miúdo os fúgrios dos humildes. E lá foi entre-gar-se à dura lei dos servos, dando de bom grado o seu trabalho honesto em troca da alimentação que lhe faltava em casa, e de certa quantia mensal, modesta, que lhe servia para comprar o suficiente como que cobrir o apetecido corpo de jovem dotada de cativante formosura.

Maria Luísa, porque certo desenvolvimento físico lhe permitia, trabalhava como uma moira, como sucede com quasi todas as raparigas afeitas às mais duras lides campezinhas. Era muito dócil e possuidora duma encantadora ingenuidade. Havia já um ano que servia os patrões e havia um ano, igualmente, que Jorge, filho daqueles, se encontrava em Lisboa nos estudos, pois o pai sonhara para o filho um lugar de destaque na sociedade.

Um dia, sem que Maria Luísa o calhasse, Jorge chegou à residência paterna. Foi como se um tigre chegasse a lugar próprio para sinistras rapinas, onde uma vítima desculhada se encontrasse nas fosforescências do seu olhar brilhante e nos brandos e falsos gestos com que habilidosamente escondia a sua perfidia... A ingenua serva, tratada por Jorge com afabilidade aparentemente respeitosa, acabou por acreditar nos fingidos galanteios com que a miúdo era mimoseada. A sua sinceridade era o caminho da perdição. O tigre, em certo dia, deu o salto. E como a vítima, fiel aos seus hábitos, estivesse desculhada, o salto deu o resultado previsto pela fera.

U. S. O.

Conselho de Delegados

Reúne amanhã, pelas 20 horas, o Conselho de Delegados a este organismo.

Academia de Instrução Popular

Esta antiga escola gratuita, para educação de raparigas, abriu agora uma inscrição especial para rapazes dos 5 aos 7 anos, ou mesmo para mais idosos que possam custear parte das suas despesas, as quais, largamente, em todo o caso, ficarão a cargo da escola.

Continua a rescisão como sempre, aberta a matrícula para meninos, analfabetos ou não, que possam quer não possam dispor com a sua educação.

Chalupa que naufragou

Em frente ao farol de S. Pedro, na Nazaré, naufragou hoje uma chalupa francesa lançoteira, morrendo um dos seus tripulantes.

Jorge, seguindo o repugnante caminho de quasi todos os da sua laia, inferiorizara-se moralmente, por que ao seu acto não presidia sinceridade alguma. Alguns meses depois o avolumar do ventre de Maria Luísa, denunciando o facto, deu causa aos mais desgraçados improperios da patroa. A infeliz foi insultada e posta na rua precisamente no momento em que carecia de ternos carinhos.

Envergonhada, vilipendiada, próxima do suicídio, lembrou-se do velho caso materno, onde ao menos teria umas telhas que a livrassem da chuva impiedosa daquele inverno doloroso. E certo dia, temendo a cólera que iria instigá-la, bateu à porta com receio, tremendo como debéis vãs verdes. A mãe, carinhosa, abraçou-a comovidamente, e só passados momentos teve a consciência da tragédia que o destino lhe reservara. Deu-se uma impressionante cena de lágrimas, capaz de comover os corações normais, mas inútil para comover as feras cujos miseráveis prazeres consistem no roubo da felicidade alheia.

Ingenua e linda Maria Luísa! Soubes-se tu a desgraça que te esperava algum tempo depois do gesto praticado sem perfeitamente intuíto, e não terias agora em frente um vasto campo de desventuras...
Gonçalves CORREIA

Rebeldias

A condenação de Manuel Ramos, em 25 anos de degredo, sentença autotem lavrada no velho pardieiro da Boa-Hora, causou geral estranheza e não pouca indignação.

Não tendo tido conhecimento de que o julgamento de Manuel Ramos se realizava a tempo de lá podermos comparecer, não pudemos apreciar as fases do seu julgamento, nem ler nos olhos do júri quais as suas disposições a respeito do réu.

Quere-nos, porém, parecer que no «veredicto» do júri influiu o ódio de classe, o espírito despoletado e vingativo duma classe que domina, pois sendo os jurados criaturas recreadas entre os maiores contribuintes, ou seja entre os proprietários, comerciantes e industriais, o seu interesse de classe, porventura o seu espírito reaccionário influiu na sua decisão.

Não queríamos ter que nos pronunciarmos sobre este caso; mas o facto de o júri de Manuel Ramos ter fortes atenuantes que com certeza deveriam determinar uma pena menor, se não fosse a própria absolvição.

Manuel Ramos matou um homem, é certo. Mas, em que circunstâncias? Perseguido pela polícia a tiro, fugiu. E fugir é defesa. A certa altura um indivíduo qualquer, que não era autoridade, pôz-se-lhe na frente para o deter. O instinto de defesa determinou o seu gesto de o derrubar para ter o caminho livre. Quem não procederia do mesmo modo? Haverá alguém que, fugindo a ser preso e à própria morte, seja esse alguém quem for — plebeu ou aristocrata, operário ou patrão, humilde ou poderoso, criminoso ou inocente — quando vê na fuga a sua salvação não se exporá mais, se alguém se antepõe à satisfação do instinto de defesa própria?

É o caso de Manuel Ramos. A própria lei, se não estamos em erro, estabelece diferença entre o crime premeditado, o crime sem intenção criminosa e o crime em legítima defesa. Pois no julgamento de Manuel Ramos não sabemos a que circunstâncias se atendeu, nem mesmo se se teve em conta as atenuantes. O que sabemos é que induzimos a pensar que o júri não ignorou o facto de que Manuel Ramos não sabia a que circunstâncias se atendeu, nem mesmo se se teve em conta as atenuantes. O que sabemos é que induzimos a pensar que o júri não ignorou o facto de que Manuel Ramos não sabia a que circunstâncias se atendeu, nem mesmo se se teve em conta as atenuantes.

Art. 6.º Esta lei entra imediatamente em execução e fica revogada a legislação em contrário.

A hora é de sacrifício! E' preciso refrear a ambição desmedida do operariado. A vida não está tam cara como os menestres para al apregoam. O parlamento vai legislar no sentido de embaratecer a vida. O governo está tomando medidas de fomento que trarão a felicidade ao país. A pátria reclama o sacrifício de todos. A hora é de sacrifício!

Se este Manuel Ramos não fosse operário; se este Manuel Ramos, mesmo operário, houvesse cometido o delito premeditado, mas para fins de utilidade política de qualquer partido, se Manuel Ramos pertencesse à classe ou casta dominante e gozasse das simpatias e influências correspondentes seria absolvido e tudo seria plenamente justificado — ainda que Manuel Ramos fosse o maior dos bandidos... Assim, não. E por isso se estranhou a sentença da Boa Hora, que tam mais horas faz passar a inocentes...

M. J. de SOUSA.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Um industrial de padaria. Queixa-se Abel da Silva Melo, amassador numa padaria na rua Herois de Kionga, 18 a 20, que o seu patrão, José Gomes Gautier, o despediu injustamente. O motivo desta resolução fôra-se no facto do Sr. Gautier ter sido aucto de peço no pão. O Sr. Gautier, como muitos industriais de padaria, ordena aos seus operários que amassem o pão das primeiras fornadas com peço menor.

Foi apanhado e entendeu que devia vingar-se no operário Abel Melo, a quem explorava e obrigava a lesar o público.

A arte e os artistas. No próximo sábado, abre no salão da Illustração Portuguesa, a exposição de arte do modernista sr. António Soares.

Maviosamente... O Diário de Lisboa, que ontem anunciou ao público o seu regresso às relações de cordialidade e gentileza com os seus leitores, desmentia essa gentileza num artigo em que se afirmava a greve com regular violência. Apreciador de boas maneiras, o Diário de Lisboa indignado com as greves diz: «Mas achamos tempo de reduzir a greve à sua função última de recurso último, e achamos bem que algumas condições sirvam aos operários para o convencer de que quando a República lhe entregou o diploma do direito à greve lhe concedeu uma bela regalia social, mas não lhe meteu nenhuma navalha nas mãos».

Uma navalha! Estamos encantados com a delicadeza do termo...

A sentença que con... O dr. sr. M. denou M. Ramos rio Monteiro publicará amanhã em A Batalha uma carta em que trata do julgamento e condenação de Manuel Ramos, sentença da qual o mesmo advogado acoboa.

A REPÚBLICA CONTRA O OPERARIADO

Ná 13 dias que se encontram encarcerados dezenas de operários, sem culpa formada

A atitude do sr. António Maria da Silva, severamente criticada pelo dr. sr. Lopes de Oliveira

O PROTESTO OPERÁRIO

S. U. da Construção Civil

Realizou-se ontem uma sessão magna de protesto contra as prisões arbitrárias de operários. Falaram vários oradores, sendo no fim aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Oficiar à U. S. O. a fim desta levar a efeito um comício público de protesto e até à paralisação do trabalho, se for necessário;

2.º enviar telegramas ao presidente da república e ao presidente do ministério, reclamando a liberdade dos operários presos;

3.º agir com energia se o governo não der uma resposta satisfatória;

4.º protestar contra a imprensa mercenária pelo facto de atacar a organização operária e A Batalha.

SEIXAL

Sindicato da Construção Civil

Reuniu a comissão administrativa que protestou contra as prisões arbitrárias de operários, manifestando a sua indignação contra o facto de se encontrarem detidos nos fortes de Sacavém e S. Julião da Barra, sem que estejam acusados de qualquer delito.

CACEM

CACEM, 22. — Causou aqui boa impressão o facto de terem sido autorizadas as visitas aos operários presos.

O que não pôde passar sem reparo, é o facto do chefe do governo ter declarado (segundo o Diário de Notícias) que não cedia a quaisquer pressões, mas sim por ver nisso um acto de justiça.

Então se o sr. António Maria da Silva via que era uma injustiça que se estava cometendo, porque deixou chegar as cousas aqúelle ponto? — C.

PORTO

Núcleo Juventude Sindicalista

Reuniram os corpos gerentes que protestaram contra as arbitrariedades de prisões de operários e contra o facto de se conservarem ainda ilegalmente privados da liberdade, visto terem ultrapassado 8 dias, sem culpa formada.

Realiza-se hoje às 21 horas uma sessão de protesto, na sede, rua de Entreparedes, 33, 1.º.

Outros protestos

Centro Comunista

Reuniu a comissão administrativa que se congratulou com o resultado obtido no protesto contra a proibição de visitas aos presos. Deliberou continuar agindo no sentido de serem libertados brevemente os operários presos.

Grupo Anarquista «La Veró»

Resolviu na sua última reunião protestar energeticamente contra a prisão arbitrária de dezenas de operários que unicamente cometeram o grande crime de defender ideias de emancipação social e contra a criminosa atitude das autoridades em os reterem privados de liberdade além do prazo estabelecido por lei.

Junta Nacional das Juventudes Comunistas

NOTA OFICIOSA

Reúne este organismo tendo apreciado as violências ultimamente cometidas contra os trabalhadores conscientes os quais marcadamente demonstram o espírito reaccionário de que estão possuídos os governantes, ainda os mais liberais, resolvendo fazer público o seguinte:

Expressar a todos os camaradas presos, especialmente aos jovens, a sua solidariedade moral e revolucionária, acompanhando toda a acção que se desenvolver com o fim de os libertar;

Manifestar a todos os organismos que pretendam realizar qualquer movimento pró-libertação dos presos, a disposição de com eles colaborar até ao máximo da sua força, fazendo assim valer os direitos dos que trabalham.

Instrução

Foi nomeado uma comissão para organizar a representação do ensino primário geral, em todos os seus graus, na exposição comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. A comissão é composta dos drs. sr. Luís Passos, director da Escola Normal Primária de Lisboa; dr. João da Silva Correia Júnior, professor da mesma escola; dr. Pacheco de Miranda, inspetor geral interno de sanidade escolar; Amílcar da Silva Pinto, chefe da repartição de construções escolares; Virgílio Guerra Padessa, director da Escola Primária Superior Ribeiro Sanches; Elísio de Campos e Marcos Leitão, respectivamente professor e director das escolas primárias superiores Adolfo Coelho e D. António da Costa.

Os presos por questões sociais continuam nos fortes sofrendo um cativeiro prolongado e injusto, às ordens dos detentores desta república, inimiga do progresso e amante feroz da reacção.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL

A União Sindical Italiana

International dos Sindicatos Vermelhos

Relatório apresentado ao 4.º Congresso da U. S. I., reunido em Roma nos dias 10, 11 e 12 de Março

Após o início da guerra europeia, e ante a falência da II Internacional Social Democrata, a União Sindical Italiana afagou a ideia de uma reorganização internacional do proletariado, sob uma base essencialmente de classe e revolucionária, sem exclusivismos partidários e sem autoritarismo, dos quais estava inquinada aquela em que predominavam Vanderveld e Legien.

E esta nova Internacional teria, segundo o Conselho Geral da U. S. I., reunido em Parma no mês de Setembro de 1914, a missão de «unir o proletariado de todos os países beligerantes ou neutros e inocular nele o espírito de classe e de solidariedade e a energia revolucionária, a fim de que pudesse aproveitar-se do inevitável enfraquecimento da força estatal e da crise geral, resultantes da guerra, numa acção comum e intensa contra os estados burgueses, que esta guerra haviam preparado conscientemente e unicamente, durante um período de cinquenta anos».

Para atingir esta meta tendiam todos os esforços da U. S. I. durante e após o período bélico. Em todas as reuniões do Conselho Geral insistia-se no propósito de unir internacionalmente todas as forças revolucionárias e anti-bélicas. Passando da teoria à acção, a U. S. I. iniciou activamente uma obra bem difícil, procurando relacionar-se com as minorias sindicalistas revolucionárias da Alemanha, da França, da Espanha, da América, etc., o que claramente se verificou nas resoluções daquele tempo e desde a reunião em Modena, do Conselho Geral (17 e 18 de Maio de 1915) até ao Congresso Nacional, efectuado no ano de 1919 em Parma.

Era muito natural e lógico que a U. S. I. ao surgir a ideia de um bloco da força revolucionária do proletariado, se avistasse com os promotores de tal bloco, que eram os componentes do Comité Operário Russo, constituído imediatamente à primeira revolução soviética. De facto, o comité da União Sindical Italiana, reunido em Firenze no mês de Maio de 1917, inspirando-se nos votos do Conselho Geral, reunido em 1916 na mesma cidade de Firenze, decidiu tomar parte no Congresso de Estocolmo.

Este congresso, ou conferência, era considerado pelo Comité Operário Russo como preparatório do grande congresso mundial, já decidido pelo mesmo Comité Russo, no qual haveria plena liberdade de intervenção para todas as fracções do proletariado organizado.

Como é sabido, não foi possível realizar-se o congresso de Estocolmo por ter-se agravado o conflito europeu e restringido a liberdade de circulação e de reunião. Os trabalhos concretos para a reconstituição da Internacional só se retomaram quando a guerra cessou. A Conferência Nacional da U. S. I., reunida em Bolonha nos dias 25 e 26 de Junho de 1919, deliberou aderir à III Internacional por meio desta moção:

«Considerando que as bases constituintes da III Internacional, lançadas pelos comunistas da Rússia, tem tendências amplamente para a esquerda e são inspiradas no conceito da separação internacional da força de classe dos colaboracionistas e dos social-nacionalistas; verificando-se o artigo 9.º da carta da nova Internacional, no qual os comunistas russos proclamam que é necessário fazer-se o bloco de todos os elementos operários revolucionários fora de todas as velhas considerações oficiais, aplaudem a maravilhosa obra renovadora dos comunistas russos, e liberam a adesão da U. S. I. à III Internacional de Moscú».

A U. S. I., aproveitando esta moção, supunha que iria participar de uma organização aberta a toda a corrente revolucionária e nunca de um partido exclusivista, adorado do Estado e superlativamente autoritário, que se demonstrava muito claramente com a ideia expressa e com a acção.

A U. S. I. era favorável aos soviets, organismos anti-estatais, enquanto a III Internacional, saída dos soviets, não era absorvida pelo estado político e económico, forte, centralizador e militar.

A contradição entre a concepção bolchevista e o sindicalismo revolucionário era agora evidente. O voto do Congresso Nacional da U. S. I., reunido na cidade de Parma em 1919, era abertamente em oposição com os programas, as teses, os propósitos e os actos da III Internacional.

De facto, o congresso de Parma considerou a concepção soviética da reconstrução social como a antítese do Estado e declara que sobrepo-la a autonomia e a livre função dos soviets de toda a classe produtora, unida na acção defensiva contra a ameaça reaccionária e da necessidade administrativa da futura gestão social, considera um atentado ao desenvolvimento da Revolução e à existência da igualdade na liberdade».

Os comunistas, ao contrário, acentuaram o domínio do Estado, e não sujeito a este o Soviete e o Sindicato.

E o que é verificado no campo político e social da Rússia repete-se igualmente no campo internacional. O estado centralizador substitui quasi completamente a federação dos soviets. A Internacional do comunismo de estado impõe-se ao bloco da força sindical revolucionária do proletariado internacional. Ao Sindicato e ao Conselho da Indústria, gestores da produção, antepõe-se e sobrepo-se, na Rússia, o comissariado centralizador, ao qual se junta o capitalismo de estado.

Do 1919 até hoje, a situação tem mudado completamente. Estamos voltando aos aures tempos da social-democracia alemã, da II Internacional política e sindical, com a mesma orientação pseudo-revolucionária, a mesma mentalidade de autoridade e centralização, a mesma actividade prática reformista e de colaboração.

As nossas aspirações, de 1914, a uma nova internacional dos trabalhadores — de classe e não de partido, revolucionária e não política — não estão realizadas. Verificamos, pela experiência cotidiana e pelo mais claro conhecimento da ideia, que o proletariado é ainda jungido ao carro da social-democracia, a qual considera o sindicalismo revolucionário como seu inimigo.

«Não precisamos desmentir que é uma forte corrente de ideia libertária no proletariado de Itália que fez dele um valor de primeira ordem, contra a qual não se pode ir, nem seria fácil fazer menos numa revolução soviética».

Assim se exprimeu o nosso representante em Moscú, um relatório escrito naquela cidade e apresentado ao Executivo da III Internacional, no ano de 1920.

Mas parece que Moscú fizera demasiada fé nos elementos dissolventes para dispersar e anular esta forte corrente na Itália, constituída por sindicatas, anarquistas e também não poucos socialistas e comunistas que não sofrem qualquer forma de disciplina coacta e de ditadura pessoal e partidária. Aquelas palavras escritas por Borghini foram escutadas por Moscú. E quando o convidaram a assinar um documento sem valor, que era a chave do novo edifício internacional, ele recusou-se a tal, interpretando justamente a vontade da U. S. I., a sua orientação e a sua história.

Com este acto, Borghini distinguio muito bem a admiração sincera do proletariado, integrado na U. S. I., pela revolução social russa, da abdicção da sua ideia e da dos militantes da U. S. I., os quais entendem que o sindicato não deve subordinar-se ao partido político.

O vício de origem da Internacional dos Sindicatos vermelhos, revela-se no documento abaixo, que publicamos devido à tradução liberal do nosso camarada.

Nota do Comité Executivo Provisório da Internacional dos Sindicatos Vermelhos sobre a organização da propaganda

- 1) Um bureau especial deverá ser organizado em todos os países do partido comunista ou da organização sindical (ou industrial) revolucionária em colaboração com o partido comunista.
- 2) O bureau será encarregado de distribuir pelas organizações de trabalhadores, sejam sindicatos ou uniões operárias, Federações e organizações sindicais e circulares e as publicações da U. S. V.
- 3) O bureau nomeará camaradas que publicarão novos jornais revolucionários e empregar os jornais revolucionários existentes, juntando-lhes suplementos imprimindo o ponto de vista da Internacional dos Sindicatos Vermelhos e a conduzir uma energia campanha contra a Internacional de Amsterdam.
- 4) O bureau deverá por isso orientar uma campanha de critica e de polémica nos jornais do dia e na imprensa cotidiana.
- 5) O bureau actuará em colaboração estreita com o partido comunista, sendo ao mesmo tempo que será um órgão separado e distinto do partido comunista.
- 6) O bureau dará o seu esforço no sentido de convocar-se conferencias nacionais ou locais, a fim de discutirem-se as questões de organização internacional e preparar oradores para a propaganda da nossa politica e organização.
- 7) O bureau será composto de camaradas preferivelmente comunistas, fazenda parte das organizações operárias, ou com estas encontrando-se em relações; os membros do bureau serão escolhidos pela organização operária, com a aprovação do partido comunista e do seu comité executivo.
- 8) Nos países onde os métodos indi-

Cados não possam ser adoptados, este Comité deverá enviar, por contributo para que se envie, camarádas por intermédio do partido comunista no respectivo país, a fim de se criar uma organização similar, especialmente na América do Norte, no México, no Canadá, na África do Sul, na Austrália, na Nova Zelândia, onde existe um movimento sindical considerável mas nenhuma organização comunista, com cuja ajuda nós podemos agir.

Este documento é muito significativo: a Internacional dos Sindicatos Vermelhos não é mais que uma secção da Internacional Comunista, a qual ordena, aprova ou não, subordinando à sua política a acção proletária. O Sindicato é subordinado ao Partido. Eis a mais absoluta negação do sindicalismo revolucionário, anti-autoritário e anti-centralizador.

Por este facto, era inevitável a opposição dos delegados sindicalistas. Reunidos em Berlim, lançaram as bases do programa sobre o movimento sindical internacional. Estas bases seriam defendidas no congresso da I. S. V. a reunir no ano passado.

A União Sindical Italiana aprovou inteiramente o programa de Berlim, o qual foi aperfeiçoado na tradução italiana, dando-lhe uma forma rigidamente sindicalista o conselho geral da União reunido no mês de Maio de 1921, em Placência.

Extratamos do programa o seu artigo 6.º, por ser da maior importância relativamente ao mandato dos dois delegados da União ao congresso de Moscú.

6) A Internacional dos Sindicatos é autónoma e independente de todos os partidos políticos. Para toda a eventual acção no interesse da classe trabalhadora, promovida por sindicatos ou partidos políticos operários, uns e outros conscientes, uma tal acção pode ser conduzida de comum acordo sem prejuízo da autonomia de cada um.

Devemos observar neste ponto, que o Conselho Geral, na sua reunião em Placência, convidava os seus representantes em Moscú a sustentar as decisões da U. S. S. e a fazer as devidas reservas no caso de declaração de princípios, e a orientação sindical definida no Congresso Internacional deverá subsistentemente contrastar com os princípios e a orientação da U. S. S., reservando-se a levar ao próximo congresso desta União, as decisões tomadas àquele respeito na I. S. V.

Este mandato foi preciso e categorico, e deu-se este encargo de confiança aos dois delegados para, numa eventual organização da fracção sindicalista da I. S. S., promoverem a constituição de um organismo de minoria que seja a salvaguarda dos princípios fundamentais do sindicalismo revolucionário.

Tudo isto denota a nossa preocupação em ver nascer uma Internacional do partido, que fosse a antítese da nossa ideia e aos nossos métodos sindicais. Quanto aos precedentes, a recusa de Borghi a assinar o já citado documento, a campanha anti-sindicalista dos comunistas italianos, as notícias da Rússia dando conta das perseguições aos sindicalistas e aos libertários e da supressão da minoria no partido comunista, etc., faziam duvidar fortemente de que saísse de Moscú uma Internacional Sindical livre, aberta a todo o proletariado revolucionário e respeitando os pontos de vista gerais deste e não os particulares de um partido.

(Concluída).

PENA DE MORTE

Um erro judiciário

Sr. redactor: Deu-se um crime no concelho do Fundão, freguesia do Alcaide, de que foram vítimas um homem e uma mulher. Foi preso por esse motivo, um indivíduo chamado Domingos Paulino, que foi barbaramente tratado pelo comandante do posto: do G. N. R. Chegou este verdugo a tê-lo três dias em trejeitos menores, sem lhe dar de comer! O desgraçado, foi responder e o tribunal condenou-o a oito anos de prisão maior celular, seguidos de vinte de degredo ou na alternativa de trinta e um anos!

Apelou da sentença e o Supremo Tribunal deu-lhe o processo como nulo, de forma que o homem deve ser posto por estes dias em liberdade.

Agora, sr. redactor, queira perguntar ao sr. Cunha Leal quem daria vida a esse homem, vítima dum erro judiciário, se o tivessem morto?

Sem mais eix, Manuel de Magalhães, Cadeia do Limoeiro, 20-3-922.

Os protestos contra a pena capital

Protestaram contra a pena de morte a Associação dos Officiais de Barbeiro e Cabelleiro do Porto, Corticeiros de Sines, Rurais de Vila Franca de Xira e Rurais do Sabugueiro.

Escreveram protestando contra a pena de morte Luis Garçinhão, de Viana do Alentejo, e José Silva, de Espinho.

NA PROVINCIA

ESPINHO, 20. — Logo que a Batalha iniciou a brilhante e tenaz campanha contra o vergonhoso projecto da pena de morte, que o *sou-dizant* democracia Cunha Leal tentava apresentar ao Parlamento, os habitantes desta vila, sem distincção de classes, manifestaram-se contra essa infâmia, e, nos cafés e pelas ruas, todas as conversas que ouvissem de franca hostilidade a semelhante crime.

Felizmente, por agora, está arredado o perigo. No entanto, é bom o operariado estar alerta porque as forças operárias logo que se lhes dê ousadia...

VILA DO CONDE, 21.

— Foram colocadas, nas paredes algumas *en-lhes* de a Batalha, sobre a pena de morte. Aí, a pena capital, foi pouco comentada. Porém todas as pessoas com quem falei sobre tal grave assunto bem como os jornais da terra, *O Democrático* e *A República*, manifestaram-se com indignação e repulsa, — C.

Matinée de arte

O distinto actor sr. Artur Duarte, regressa no próximo domingo, às 15 horas, no Salão Nobre do Conservatório, uma festa artística. Será representado o 1.º acto do poema dramático do grande poeta Eugénio de Castro, *Anel de Políperes*, e a fantasia num acto de Eduardo Perez, *Belizário e as três Marias*. Fará uma conferência sobre *O ultra-naturalismo no teatro* o dr. sr. Vasco Camiller.

Da Argentina

O caos

O desenvolvimento do movimento social no mundo está assumindo uma característica que sem hesitações podemos classificar de caótica.

Diante da rude realidade dos factos e ante as exigências cada vez mais apalçadas das multidões famintas e apalçadas de ideais revolucionários; diante da guerra e da revolução russa, os velhos teóricos do movimento social, divididos em duas grandes fracções — socialistas reformistas e anarco-sindicalistas — sem contar que estas duas correntes se dependem. Essas correntes volveram às suas doutrinas para deduzir a lei necessária para o momento histórico. Não a encontraram e a hesitação converteu-se num verdadeiro desastre doutrinário.

As teorias anulam-se por insuficiências, antes a acção enérgica das multidões sedentas de justiça.

Quem canalizará esse mar transbordante de paixões?

Ante a magnitude do facto, os teóricos supõem mais cómodo conter o impulso avassalador e esperam que a tormenta passageira se dissipe, renunciam à revolução social, porque ainda não chegou o momento de exterminar ainda mais o proletariado.

Assim finalizou o dia dos especuladores do mal social, assim começou o repulso do socialismo reformista e anarquista e do anarquismo clássico de muitos...

Com as suas pobres ferramentas doutrinárias, insuficientes e podidas pelo tempo, com uma cultura revolucionária que se não foi parlamentar e livreira, teve por único exercício as greves e agitações, que no fim de contas não deixam de ser factos impostos pelas multidões aos seus chefes espirituais.

O cenário da luta social modificou-se fundamentalmente nos últimos anos e a tática da luta variou também. O movimento social iniciou na revolução russa um período novo. Chegou a hora das profundas e rigorosas agitações nacionais. O assalto à Bastilha burguesa já não se exerce por acções individuais que resultam ridículas, ou por pequenos grupos isolados o que seria um sacrifício estéril. Hoje é a multidão das fábricas e dos campos.

Para realizar uma acção sólida, vigorosa, transcendente em cada povo, é preciso um pensamento sólido, vigoroso que canalize as águas fecundas deste mar que se agita sobre a terra plena de sofrimentos.

O pensamento revolucionário está em crise. Os homens de responsabilidades, salvo raríssimas excepções, perderam a bússola, desorientaram-se. Para onde vamos?

O século prepara-se e cria, sem dúvida alguma, a sua própria filosofia. As velhas filosofias morreram. O génio do século deve criar uma nova filosofia. Presinto que será a classe operária quem imporá com feroz paixão a ideologia que a anima.

Não importa a desorientação dos seus homens representativos, nem o caos no pensamento dos seus *leaders*. Lamentamos unicamente que isso implique um atraso de muitos anos para o triunfo.

Mas, que são os anos para a história?

Pareceu por um momento que o proletariado da Europa e da América havia encontrado a sua estrada.

Moscú fascinava com a sua história heróica a alma das multidões. Esperavam que ela viesse a redimi-las da sua escravidão.

Os homens do pensamento encontraram em Moscú a vigoreza do seu pensamento a orientação para a sua doutrina. A Internacional Sindical Vermelha juntou num dia auspicioso as representações do proletariado revolucionário do mundo.

Passaram-se vários meses. O caos parece ter minado a Internacional Sindical Vermelha. Os homens parecem não estar à altura do momento. O cansaço detém-nos no caminho.

A marcha era precipitada e precisamos de reflectir. O mundo não respondeu ao chamamento: revolução.

É necessário procurar o caminho mais curto para continuar avançando. A Sindical Vermelha apesar de jovem, não resistirá ao vírus do mal, aos efeitos do divisionismo desabitado. A extrema esquerda proletária, o anarco-sindicalismo permanecem fieis à acção revolucionária de classe. O sindicalismo revolucionário demonstrará definitivamente haver superado os partidos e os grupos de acção que desde um século veem trabalhando e desorientando o pensamento e acção da classe operária.

Buenos Aires, Fevereiro de 1922.

Francisco L. HERRERA.

Núcleo de Juventude Comunista de Lisboa. — Devem reunir amanhã, todos os jovens comunistas, que se interessam pela vida do núcleo e da organização em geral, a fim de tratar assuntos de larga importância.

Bairros Sociais

Recebemos um comunicado sobre os Bairros Sociais contestando umas apreciações feitas num jornal desta cidade que não publicamos hoje por falta de espaço.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Reúnem hoje, pelas 20 horas, os corpos gerentes para assuntos de alta importância.

Associação Anti-Alcoólica Operária

Reúnem hoje, pelas 20-30 horas, os corpos gerentes, sendo necessária a comparecência de todos os seus membros devido à importância e urgência dos assuntos a tratar.

— É no princípio da próxima semana que se realiza a sessão de propaganda anti-alcoólica que tem sido adiada por motivos imprevistos.

Também no princípio do mês de Abril iniciar-se-á uma semana consecutiva de propaganda anti-alcoólica, para a qual esta associação já conta com valiosas adesões.

HOJE
A MORENINHA
HOJE
A opereta de maior êxito da temporada pela
Companhia Armando de Vasconcelos
da qual faz parte a actriz
AUSENDA D'OLIVEIRA
NO
TEATRO S. LUÍS

A BATALHA
NACIONAL
Telephone C. 2.049
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
A famosa comédia
Carta anónima
Brevemente—Récita extraordinária
A PRIMEIROSE
Répise da linda peça em que Eduardo do Prado tem um belo trabalho no *Cordeiro de Morance*

Coliseu dos Recreios
HOJE — A's 21 horas — HOJE
Grande Companhia de Variedades
Incomparável êxito da célebre troupe musical
ELLIOT SAVONA
Deliciosos e populares trechos de musica no
Jardim da Harmonia
Arte — Elegância — Bom gosto

AS GREVES

Pessoal da Carris

Nota officiosa da Comissão de Melhoramentos

Presados camaradas: — Ainda hoje não pode esta comissão apresentar à classe a *démarche* feita junto do presidente do ministério, visto que temos de fazer outras para assim conseguir o nosso objectivo. Está esta comissão esperada de amanhã poder apresentar alguns trabalhos para a solução do conflito. Devem todos os camaradas manter-se firmes e enérgicos que a vitória se aproxima; não deveis fazer caso de boatos tendenciosos, que só servem para prejudicar esta classe.

Tem-se procurado todos os meios para conseguir a reabertura do nosso sindicato, o que esperamos que em breve seja um facto.

Hoje esperamos ser recebidos pela direcção da companhia para assim poderemos comunicar as camaradas as *démarches* encetadas.

NOTA OFFICIAL

A todos os assalariados da Carris de Ferro

Presados camaradas: — Mais um dia é passado e a nossa situação mantém-se no mesmo pé, visto que a companhia ainda não respondeu a um officio que pela classe lhe foi enviado, e a nossa comissão de melhoramentos, que hoje foi recebida pelo presidente do ministério, não concluiu as *démarches* que encetou, motivo porque só amanhã poderemos ser dadas algumas notícias referentes ao nosso movimento.

Camaradas: Julgando estar próximo o dia em que se solucionar o nosso brilhante movimento de carácter moral e que embora não seja a nossa aspiração por completo, no entanto alguma coisa há de ser, mais uma vez apelamos para a consciência do pessoal da Carris, para que se mantenha com calma, e aguarde as indicações deste comité, pois em breve deve terminar o nosso sacrifício.

No entanto vimos com mágoa que os *guarda-freios* amadores vão escangalhando os carros que amanhã farão falta não só para nós trabalhadores como também para o transporte de passageiros que cada vez é em maior número. Assim temos a constatar que hoje, pelo simples facto de terem caído algumas gotas de chuva, os desastres foram imensos, e entre eles um que poderia trazer graves consequências, pois o carro n.º 314, ao entrar em Santo Amaro, devido à velocidade, foi de encontro à parede, e só por felicidade não esmagou alguns indivíduos que ali permaneciam.

Camaradas: Não sendo possível ainda conseguir a reabertura do nosso sindicato, julgamos no entanto, que em breve o conseguiremos, e só depois ali poderemos legalizar a nossa existência. Enquanto isto não for um facto, devemos manter-vos unidos e aguardando as resoluções que venham a tomar-se e devemos sempre que seja possível visitar os nossos camaradas arbitrariamente detidos, a fim de que a clausura lhes não pareça tão longa. Esperando este comité que assim suceda, pede-vos que continueis sempre como até aqui e griteis: Viva o pessoal da Carris! Viva a greve! Vivam as classes em luta!

O sub-comité executivo.

Uma carta

Camarada Redactor: Não sou operário, sou um patrão de mim mesmo. Nunca pensei em defender esta ou aquela classe quando não seja de justiça, mas nos os municípios de Lisboa não podemos estar à mercê do patrão de Santo Amaro. Não quero que o burguês julgue que é um assalariado da Carris que fala, mas sim um amigo de todos quantos trabalham.

Qual é a razão que Governo, Câmara e Companhia Carris, nos privam de transportes rápidos e baratos como existiam? Queriam o aumento de tarifas? Ali o tem. Mas que nunca pensemos lançar dois mil e tantos homens em privações para saciar as suas ambições; não compre os jornais burgueses para os defender; não mandem encerrar o sindicato do seu pessoal, e buscar a casa os operários e encarcerar-nos nas masmorras do Limoeiro, entregando-os ao Tribunal de Defesa Social.

Que provas dá a justiça desses três vossos camaradas presos, que são Armando Martins, Cláudio dos Santos, José Augusto Martins? Nenhuma. O que a generosa Companhia quer é subjugar-vos.

Como digo, não sou empregado, mas se houver a infelicidade do pessoal entrar contra vontade, terá tudo a perder e nada a ganhar.

Repára a Companhia nesse grande número de carros que ali tem escangalhados, dos desastres que se dão dia a dia. Quem paga todos estes estragos que têm feito a tropa nos carros? É a Companhia? Não. É o Governo? Não. Sou eu e todos os municípios de Lisboa, porque este não pagou o dôbro de contribuição do ano passado. Por isso, senhores governantes, não se deixem ir no conto da serpie do sabujo do Ladoeiro, porque o que ele pretende é revoltar o operariado contra os governos republicanos.

Quem lhes diz isto, é um republicano democrático.

Digam, como agora é moda, que o operário é bochevista, mas, pense bem o governo que quem implantou a República foi o operário; e quem a tem defendido em todas as agônias, é o operário.

Bochevistas são aqueles que tem enriquecido à custa dos desgraçados os assalariadores e ladrões do povo. A esses é que o governo devia perseguir e dar-lhes carta de prego.

Visitas aos presos

Os nossos camaradas Armando Martins, Cláudio dos Santos e José Augusto Martins, presos arbitrariamente às ordens do sr. António Maria da Silva e entregues ao tribunal de defesa social, encontram-se no grupo B da cadeia do Limoeiro, onde aguardam o julgamento por um delito que não cometeram, podendo ser visitados por pessoas de família, todos os dias, das 12 às 14 horas, e aos domingos, à mesma hora, pelos amigos e camaradas.

Ontem dei entrada naquela cadeia o camarada Manuel Rôlo, também operário da Carris, acusado do *horrible crime* de ter feito uso da palavra na sede do seu sindicato, encontrando-se, por enquanto, na sala dos estrados.

Estes camaradas pedem-nos para, em seu nome, agradecermos a todos os camaradas que no passado domingo os visitaram, demonstrando-lhes assim a sua fiel solidariedade e disposição de continuar na luta até meter na ordem os poderosos e jesuíticos sindicatários de Santo Amaro.

Operários mobiliários

Mantem-se com a firmeza e coesão de uma greve desta indústria.

Na assembleia ontem realizada, foi recebida uma salvação de todos os camaradas presos no forte de Sacavem, e lida a salvação do pessoal da Carris, sendo aprovada por aclamação a retribuição a esses valerosos lutadores. Registraram-se mais as seguintes adesões, ontem conseguidas pelas comissões de *démarche*: Campos & C. (R. da Prata), Mendes & Santos, Manuel Lopes Coelho Ltd., Domingos A. Soares, Cooperativa dos Estofadores, Soares & Vilhena, José Duarte, Dionísio Santos, Manuel Santos Cabral, António Ribeiro Perdigão, Manuel Costa Jorge, A. Rodrigues, João Reis, Elias Silva Paulino, Francisco Araújo, Fernandes Abrantes Gonçalves, Joaquim Luís Faria, Joaquim da Silva, Moisés Moraes, Gregório Moreira, Oliveira Pridade, Ltd., Sá & Reis (Marcelina Moderna), Eugénio Conceição & Silva, João Pires Valério, António Correia da Silva, Eduardo Augusto Faria, José Rodrigues Coelho, Manuel António Rodrigues, João A. da Rita & C., Armando Gama, Adriano Augusto Centelo, Carlos Garcia, Isabel Maria Afonso, José Alves da Silva, José da Silva Júnior, Joaquim Carapinha, Luís Costa, Policarpo José Teixeira, Quirino dos Santos Rocha, Francisco J. N. Narciso, Nunes & David, Artur Nascimento, Carlos Nascimento, Garcia Lopes, João Lourenço, Manuel Tavares, Artur Paulo e José Lopes.

Foram ainda recebidas outras adesões que não são publicadas, por nos ser total de 142.

Federação do Mobiliário

NOTA OFFICIAL

Continua a pesar sobre a organização operária uma intensa atmosfera de opressão. Das prisões e perseguições ultimamente efectuadas se depreende, que de preferência são visados os militantes daqueles organismos que, pelas suas condições orgânicas e revolucionárias, mais probabilidades tem de, com êxito, levar a efeito movimentos de reivindicação.

No sentido de atenuar as classes proletárias, agita-se agora demais a *fantasmagórica* Confederação Patronal. A Federação do Mobiliário exorta todos os organismos seus aderentes, a, no caso de terem em preparação quaisquer movimentos de reivindicação, não os sustarem, persistindo e preparando o espírito dos operários para que os mesmos resultem vitoriosos. Nestes casos, deverão imediatamente comunicar-nos para que este organismo possa prover à solidariedade de todos os organismos existentes no país.

Acaba o S. U. do Mobiliário de Lisboa de comunicar a esta Federação a declaração da greve geral da indústria em Lisboa, devido à renitência de alguns industriais em cederem a uma reclamação de aumento de salários e ainda como protesto contra a entrega da solução do conflito à Confederação Patronal. Alguns industriais, a fim de evitar este movimento, que se afirma pela coesão dos grevistas, pretendem ir fora recrutar operários.

Lembra esta Federação os sagrados deveres da solidariedade, não devendo os organismos consentir que das suas localidades saiam operários da indústria, a fim de evitar uma luta fratricida aproveitável só aos nossos inimigos.

— O Secretariado.

NOTA DO COMITÉ

A toda a organização operária este comité apresenta o aspecto invulgar do conflito-jatente entre as classes do mobiliário e o patronato desta indústria. As reclamações formuladas, tem

respondido os industriais produtivos com a sua concordância; mas, alguns, porque não tem tido a coragem de se emanciparem do intermediário, devorador de todos os lucros, aguardam que os joistais lhes facilitem os meios para cederem ao que reputam justo.

Reiniram os joistais na Associação Industrial Portuguesa, entidade a quem os operários, por reconhecerem idoneidade, tinham comunicado as suas reclamações. Ali, esses srs. não recusaram em pôr em cheque a Associação Industrial, e guiados por um «meneiro» da Patronal, cederam a uma imposição da *clébre* Confederação, comprometendo-se a entregar-lhe a solução do conflito e a não ceder o aumento reclamado.

Porém, o mais interessante é que não conhecem as características da C. P. e apenas sabem que é uma entidade que os coage a pagarem-lhe uma joia e coita avuladas para fins secretos e que eles ignoram.

E atrevem-se esses cavalheiros a afirmarem que a classe operária tem *meaneurs*, agitadores e instigadores de greves?

Final, quem são os instigadores de greves? Quem são os seus fomentadores?

Somos nós, os que tinhamos garantida a cedência dos industriais às reclamações dos operários, ou são esses srs. que levam a sua tirania ao ponto de imporem aos seus fornecedores que não cedam, sob pena de lhes recusarem as encomendas?

Se dúvidas restassem a alguém da parcialidade dos governantes e seus agentes havia o facto de serem presos 6 grevistas, só pelo terrível crime de, muito naturalmente, andarem vigiando o cumprimento da resolução de greve.

E porque não prende a polícia os laçados da C. P., que em *side-car*, andam fomentando a renitência dos seus colegas e com outros srs., por consequência, os responsáveis do conflito? As autoridades...

Podem esses srs. continuar a sacrificar-se para fazer o jogo dessa entidade secreta, devoradora duma parte dos lucros industriais e fomentadora da desordem social?

Os operários mobiliários não desarmam. Neste momento lutando por mais pão, lutam ainda para lavar as afrontas que tais criaturas, por certo saídos do pinhal de Azambuja, tem lançado à face da organização operária.

Os operários mobiliários não esquecem que, presentemente, outras classes lutam e entre elas o pessoal da Carris, que tem dado a toda a gente o mais belo exemplo de solidariedade e firmeza! Irmãos no ideal, companheiros na luta, daqui enviamos a todos esses nobres lutadores o mais forte amplexo e o grande desejo de queirmãos e companheiros na luta, sejam companheiros na vitória. Unidos como um só, e avançai, mobilários!

Viva a nossa organização operária! Vivam os camaradas da Carris e demais classes em luta!

O Comité central.

A assembleia de hoje é às 17 horas.

Prisões

Anteontem foram presos numa das ruas da Baixa os camaradas Domingos Gomes, Carlos Martins, António Antunes, Joaquim dos Santos Gonçalves, Cândido Silva e Duarte Machado, todos da indústria do mobiliário e que faziam parte duma comissão do respectivo sindicato.

Foram conduzidos para o governo civil, onde se encontram, sem lhes dizerem o motivo da prisão, sendo natural que não o saibam, como é costume. Aqueles camaradas enviaram-nos uma carta na qual lavraram o seu veemente protesto pela arbitrariedade de que foram vítimas.

Ontem uma comissão de Sindicato Mobiliário realizou algumas *démarches* para conseguir a liberdade daqueles camaradas, devendo voltar hoje novamente ao governo civil para tratar do assunto.

PORTO

O estado das greves

PORTO, 21. — As greves que presentemente estão declaradas nesta cidade, mantem-se no mesmo estado, com pequenas variantes. Os operários tipográficos, na sua reunião de ontem à noite, resolveram conservar as suas primitivas reclamações, em consequência das razões que lhes assistem ainda estarem de pé. A discussão foi acalorada e entusiástica, ficando para hoje a aprovação duma moção relativa às relações entre a Associação dos Industriais e a Liga das Artes Gráficas. Ontem, reiniram mais uma vez os patões tipográficos, mas nada comunicaram ao sindicato dos grevistas. Preferiram ir ao governador civil, para que, não se sabe bem, talvez... para a sua polícia ser coadjuvada pela da S. E.

O movimento dos ourives de prata agravou-se, com a declaração de greve na officina de Júlio Ernesto da Silva, Filho & Genro, por deliberação do comité dirigente. Contudo, a solidariedade dos grevistas de todas as casas continua a ser um facto, bem como ser um facto também o auxílio prestado pela restante classe que está ao serviço.

O conflito grevista dos metalúrgicos da especialidade de ferro é que tende para uma solução mais ou menos rápida, em virtude dos industriais serem mais transigentes e conciliáveis do que os seus colegas de outras especialidades e indústrias. Por este motivo, o comité ordenou, ou antes, autorizou a laboração de mais estas casas: Gaspar R. Cardoso & C., Sucs.; Domingos Marques Neves, Torcato Pereira & Filhos, Joaquim de Almeida, Manuel Ferreira e Francisco da Silva. Em Gaiá, igualmente.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil. — Comissão administrativa. — Na sua reunião de ontem tomou conhecimento de um officio da U. S. O. sobre assunto que esta comissão vai indagar para depois se tomarem deliberações.

Foi ainda discutido um officio da C. G. T. que devido ao seu conteúdo foi resolvido por unanimidade que o mesmo baixasse à reunião do Conselho Federal que se realiza no próximo domingo.

Em seguida foi tomado conhecimento da vinda de um delegado do Sindicato do Porto, que vem tratar do encerramento da sede do respectivo Sindicato e prisão de alguns camaradas, sem que até hoje após decorridos 18 dias, se tenha apurado contra os mesmos quaisquer provas para os reter na prisão. Foi resolvido que a mesma comissão, acompanhada do delegado do Sindicato, entreviste o presidente do ministério, entrevista essa que está marcada hoje às 14 horas.

A mesma comissão tratará também da situação de todos os nossos camaradas que sem motivo plausível se encontram ainda presos nos fortes.

CONVOCAÇÕES

Federação do Calçado Couros e Pêles. — Reúne hoje a comissão administrativa pelas 21 horas.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Comissão administrativa. — Reúne hoje às 20 horas para tratar de assuntos urgentes.

Deve comparecer um delegado da secção da Charneca, a fim de liquidar contas com a comissão do benefício da camarada Brás.

Secção de Palma e arredores. — Reúne hoje às 20 horas as comissões escolar, administrativa e de propaganda e todos os militantes residentes nesta área.

Associação de Classe dos Empregados de Escritório.

Realiza-se hoje a assembleia geral ordinária em 1.ª e 2.ª convocação respectivamente pelas 20 e 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Discutir e votar o relatório e contas da gerência de 1921 e apreciar o parecer do conselho fiscal.

2.º Nomeação dos novos corpos gerentes para o ano de 1922. 3.º Nomeação de delegados à U. S. O. 4.º Nomeação de um delegado para preencher a vaga existente. Fuso das Associações dos Empregados s. no Comercio.

Carpinteiros Navais. — Em virtude de se ter demittido a comissão administrativa, são convidados todos os camaradas a reunir em assembleia geral na sede, a fim de eleger os corpos gerentes, bem como os delegados à U. S. O.

Esta reunião terá logar no dia 26 e não comparecendo número legal fica transferida para o dia 2 de Abril.

Manufactureiros de Calçado. — Reúne amanhã pelas 20-30 horas em assembleia geral, para tratar de assuntos de mais alta importância.

Os que morrem

FALECIMENTOS

Faleceu ontem, pelas 2 horas, o sr. António Pinto das Mercês, do quadro de saúde das colónias, marido da sr. D. Amélia Oliveira Mercês e irmão do tipógrafo Artur Pinto das Mercês, componente deste jornal.

O funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, salido da Capela das Necessidades, 42, 2.º, esquerdo, para o cemitério da Ajuda.

A BATALHA no Porto

CRÓNICA

De como dum processo fantástico se podem tirar conclusões — As manobras da polícia — patrão e estatal — Mistério...

A nossa polícia é a mais esperta do país. Mais esperta e mais trabalhadora. Quando não tem que fazer, agitadores a procurar, inventa, porque o seu génio inventivo e inovador é mundialmente reconhecido. Estamos numa época de tramas, de intrigas, de trapalhadas, de perseguições sem justificação possível. E a polícia desta cidade, que não quer ficar atrás da de Lisboa, ajuda também a encadear, a deturpar, a mentir, para levar a água ao seu moinho, para ter pé de incomodar os cidadãos com quem embique, para gastar resmas de papel ao Estado, que o público paga com língua de palmo, com escarvinações de processos, fantásticamente arquitetados nas alas congeminações dum faro estúpido e gastado.

É necessário fazer serviço e os regulamentos assim o exigem; senão, incitamos-se os belugens e isso é um desastre para quem está habituado a ganhar bom dinheiro, mandando e prendendo arbitrariamente...

Dissera-se que o gráfico Carlos Guedes Leal, que fôra preso ao sair da Liga das Artes Gráficas, era acusado de ser o autor ou cúmplice do atentado estorreado à porta da residência dum industrial tipográfico. Mas todas as suposições saíram erradas. Aquele camarada não foi, pela segunda vez, devido, pela terceira, apontado. O seu crime foi mais romântico, porque a polícia também sabe romantizar. Depois dum dia de incomunicabilidade, a vítima soube então, abrindo a boca de espanto, que a acusação que lhe formularam o considerava um agitador, que, na quarta-feira passada, fôra esquentar os olhos dos manufatureiros de calçado, reunidos na sua respectiva associação profissional. Rezava assim, pouco mais ou menos, o mirabolante processo. Guedes Leal, atravessando diferentes ruas da invicta cidade, transpôs solenemente os umbrais do edifício onde está instalado o Sindicato Unico de Calçado, Couros e Pêles. A sala das sessões estava repleta, a cunha, de operários sapateiros, tratando das suas reclamações económicas a dirigiu aos industriais. O operário gráfico protagonista entrou; entusiasmo, delírio, loucura — mil braços se ergueram, mil mãos embatem, freneticamente, umas nas outras, quasi a escorrerem sangue, e uma forte, única, inultrapassável tempestade de palmas formidavelmente atordoa os miolos do recheado, que, afectado por uma commoção repentina, ia caindo fulminado por um delírio fatal. Estuando na mais ardente das paixões revolucionárias, Leal pede a palavra, que lhe é concedida de pronto. Então um discurso vibrante, eloquente, demolidor, flagelante, qual proferido por um dos irmãos Oracchos, retumba, reboia na sala atormantadamente pesada, seguindo-se um «Viva a greve geral revolucionária».

Nesta altura um tumultuar de mocas e um ruído de vozes invade o Sindicato; a polícia entra e formará um cerco à sede, em busca do terrível agitador. Mas ele escapulará-se pelas trazeiras da casa, motivo porque só fôra preso ao outro dia, quando muito despreocupadamente sala da Liga das Artes Gráficas. Fantástico!!!

É claro que os manufatureiros de calçado já mais viram lá aquele camarada em referência; já mais o aplaudiram, já mais lhe concederam a palavra, já mais o viram sair pelas trazeiras. Mas a polícia soube e vá de engendrar aquela rá-la novela policiaesca. A vítima quando lhe foram semelhantes disparate classificado-o de infâmia, mas depois disso, quando a P. E. lavou as suas mãos, aliando a sua culpa.

Aquele piada sem sal, viera d'outras entidades. De onde? Da polícia de investigação, do chefe do distrito, dalguma esquadra? Antão não, a P. D. S. ou S. E. não sabe mentir, não inventa coisas daquelas, não congemina semelhantes falsidades.

Nesse caso, dá polícia patronal? Esta pergunta cusa assim uma certa estranheza; embora a negação viera logo. Da patronal também não viera a patronal. Aquele apareceu ali por obra e graça do divino espirito santo.

Conclui-se de tudo isto, de toda esta comédia, de todas estas perseguições que a polícia do Estado anda aliada à polícia patronal, se é que mesmo dentro da polícia do Estado não há agentes particularmente retrógrados pelos da Confederação dos patrões. Este caso é bem sintomático e é moralmente nos denuncia a existência da polícia comercial e industrial. Eis os motivos das prisões arbitrárias e das tramas postas em prática.

Mais um outro caso... de zelo policial...

Mas já que esta crónica é especialmente dedicada à esperteza da nossa polícia, a quem se lhe deve prestar toda a devida justiça e todo o preito da nossa homenagem, eroniquemos mais este caso digno de menção. No domingo préterito, effectou-se no Sindicato Unico Metalúrgico a anunciada velada social dedicada ao órgão *A Batalha*, onde, por sinal, um exemplar deste jornal rendeu 5500. A velada decorreu serena, alegre, bizarra, entusiástica. Principiara e terminara sem o menor incidente que justificasse a importuna intervenção das autoridades. Tudo parecia fazer crer que os argutos da ordem, que não se intrometeriam na festa, não iriam ao sindicato incomodar. fôse quem fôse. Mas não. Depois das famílias proletárias se retirarem, depois de tudo acabado, o bengalário da defesa bateu à porta do edifício, já tarde da noite, num momento em que a comissão da velada estava no gabinete da secretária a fazer as contas do apuramento. Alguem abriu a porta, mas, reparando na qualidade dos visitantes, muito delicadamente a tornou a fechar, depois de breves explicações. A polícia quer a honra da festa, ao que o camarada Anastácio Ramos lhes negun-

A BATALHA na provincia e arredores

Vila do Conde Monção

19 DE MARÇO. 21 DE MARÇO

Uma festa de benefício. A «Sociedade União e Progresso dos Artistas de Monção», para o fundo de seu cofre, levou a effecto, no domingo último, no teatro desta villa, um baile que esteve imensamente concorrido, fazendo-se ouvir a apatizada tuna da mesma Associação a quem não regateamos louvores pela forma correcta como executou, sob a regência do considerado maestro sr. Luis Gonçalves, as variadas peças do seu repertório. Aos nossos camaradas e amigos enviamos sinceras felicitações.

Enfim... Graças à nossa intervenção, resolveu-se o vereador da Câmara mandar pôr as árvores da viação pública, que já estavam floridas! Esperamos que se faça a rasgagem das ervas que cobrem as ruas e que se aformoseiem os jardins públicos que estão uns perfeitos matais.

Pelas Caldas Esteve uns dias entre nós o dr. sr. Amílcar de Albuquerque, distinto médico analista do Porto, que veio proceder a novas captagens das águas das Caldas. O que ele nos revelou das suas boas qualidades terapêuticas e o que nos disse do estabelecimento termal, excedeu a nossa expectativa.

Effectivamente o vereador do pelouro que o tem a seu cargo, descarta por completo o seu desenvolvimento, afrontando os interesses concelhios, competindo-lhe o indeclinável dever de zelar pelo bem comum, mas tal não faz.

As Caldas, com tal vereador a intervir nos seus destinos, estão irremediavelmente perdidas. O sr. José Brandão é o único que não quer ver que a sua permanência nos destinos das Caldas é nefasta. Se nem mesmo se importou nunca de ter que afrontar contra si um conselho inteiro que o detesta pelos abusos que tem cometido! (Como se há-de importar com o que lhe julga de mais útil para a sua terra? E não haverá meio de o alijar de tal cargo? Porque se esperar esse homem é uma afronta a todos nós, e dentro em pouco diremos porque. — C.

Um espectáculo No dia 28 p. p. realizou-se um espectáculo no Teatro Afonso Sanches, desta villa, com a peça *A vida do messias*, promovido por um grupo de homens sem ideal nem escrúpulos, que mais pareceu uma chuchadeira de que outra coisa, a principiar na carnavalesca recepção do grupo dramático e a acabar na propria representação, em que as batatas, nabos e cartuchos de serrim foram arremessados — para maior impopularidade da festa.

Foi uma vergonha que ia terminando tragicamente em que o revólver e os machados dos bombeiros de serviço quasi entraram em funesta acção.

E para isto que servem esta terra e certos homens que se presum de ser instruídos e ilustrados!... — C.

Festas artísticas Nas duas sessões de amanhã, no S. Luis, fôz, realiza-se as recitas de homenagem a Lino Ferreira e António Carneiro, os festejados escritores da graciosa revista *Giga-Joga*.

A peça apresenta o excepcional atractivo de vários números novos, que estão destinados a causar sensação.

Escollheu para a sua festa artística deste ano, o estimado actor Carlos Viana, a primeira representação do novo original português da temporada *Os Turlandans*, opereta-farça, de André Brun e Carlos Simões, na qual toma parte toda a companhia Armando de Vasconcelos, e que terá lugar, na noite de 8 do próximo mês de Abril.

Noticias Com a réplica da célebre opereta *A Bateria*, realiza-se na noite do próximo dia 1 de Abril, no teatro de S. Luis, uma recita extraordinária, fazendo o protagonista a nossa primeira actriz deste género, cujo temperamento se adapta magistralmente a essa personagem, Ausenda de Oliveira, que no Brasil, na primeira vez, alcançou um extraordinário sucesso, que confirmará, disse estamos certos, no teatro de S. Luis, na noite do próximo dia 1.

Reclames A encantadora peça *Carta Anônima* continua sendo o êxito das famílias. Hoje, que se repete no Nacional, pode antecedermente garantir-se que haverá uma nova enchente no elegante teatro.

O teatro que tem maior concorrência é o Apolo, onde a esplendida Companhia Rias está conquistando os mais entusiásticos aplausos. O *Belo Sexo*, a galante peça ali em scena, é dos maiores êxitos de que há memória no nossos teatros, pela graciosidade, desempenho e brilho da apresentação.

Hoje, no Apolo, repete-se o *Belo Sexo*, effectuando-se no sábado a recita de homenagem aos seus autores, Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa.

Mais uma noite de permanente entusiasmo vai ser a de hoje no Salão Foz. Ali teremos, nas duas sessões, as 20.45 e as 22.30, a enladrada *Giga-Joga*, representada pela magnifica Companhia Otelo de Carvalho, com todas as sensacionais atrações que tornam a sua exhibição o mais atraente espectáculo da actualidade.

Phi-Phi, a original opereta em scena no Avenida, dá todas as noites uma enchente, a cunha, ao lindo teatro.

Os magníficos trabalhos da grande companhia de variedades fazem com que o público afilia todas as noites ao Coliseu dos Recreios que é, incontestavelmente, onde se gozam os espectáculos mais artísticos, mais atraentes, mais variados e mais económicos de Lisboa. Quem quiser, pois, gozã-los, deve nuimir-se a tempo com o respectivo bilhete.

Sem querer criar no público, falsas expectativas, e no entanto da mais elemental propaganda fazer saber que a nossa revista do Eden Teatro, *Buena Noite*, reúne tantos atractivos que não se torna difficil profetizar-lhe um êxito absoluto.

Combinado

Libra esterlina..... 648000 579000
Paris..... 10023 10050
Italia..... 4579 4584
Belgica..... 1891 1890
Suica..... 28719 28778
Branha..... 16786 16815
Berlim..... 4338 4344
Hollanda..... 44510 44525
New-York..... 110411 110716

Trabalhadores: Lêde e propague a BATALHA

MÚSICA

Concerto Mademoiselle Aussenac

De dia para dia maior é o entusiasmo que está despertando o concerto extraordinário que a notável pianista Mademoiselle Marie Antoinette Aussenac, realiza na tarde do próximo domingo, no teatro de S. Luis. No programa figuram a célebre «Fantasia» em dó menor de Mozart, «Estudo em forma de valsa» de Saint-Saens, «4.º noturno» de Fauré, completando o restante programa obras de Góyosca-Gracinos, Schumann, Debussy, César Franck e Viana da Mota. A tarde do próximo domingo no S. Luis será decerto revestida de grande brilhantismo.

O encerramento do S. U. da Construção Civil do Porto

Uma comissão delegada da Federação Nacional da Construção Civil, conjuntamente com delegados do Sindicato da Construção Civil do Porto, procurou ontem o presidente do ministério a fim de tratar da reabertura da sede daquele Sindicato, que se acha encerrada, e da libertação dos camaradas Albino dos Santos e Albino da Silva Fátias, secretários do mesmo Sindicato, que se encontram presos há mais de 15 dias sem culpa formada, havendo um deles sem um interrogatório ter sofrido, o que demonstra a arbitrariedade das autoridades.

A comissão ficou de hoje novamente saber do presidente do ministério qual a deliberação transmitida ao governador civil do Porto.

A falua do Bugio

Foi obrigada, pelo tempo, a arribar a Cezimbra

Um telegrama da «Havre», de S. Julião da Barra, noticiava constar ali que a falua que costuma fazer serviço entre Paço de Arcos e a Torre do Bugio de sapareira e que as famílias das seis homens que a tripulavam solicitavam auxilio.

Imediatamente saiu o rebocador «Cabo da Roca» que apesar de todas as diligencias efectuadas, não conseguiu encontrar a falua, regressando sem nada haver adiantado.

Pouco depois, sabia-se que a falua havia arribado a Cezimbra, onde a foi buscar um rebocador. Os seus seis tripulantes que são: João Martins, patrão; Luis Martins, sota; Francisco Braga, Francisco Soares, Joaquim Lopes e Francisco Nogueira, nada sofreram. O barco levava mantimentos para a Torre do Bugio.

Desastre no Barreiro

Depois de receber os primeiros socorros no posto da Cruz Vermelha, do Terreiro do Paço, foi conduzido num automóvel da mesma sociedade ao hospital de S. José, onde depois de operado no banco pelos cirurgiões de serviço drs. Azevedo Gomes, Fernando Lacerda e Assis de Brito, recolheu à enfermaria de Santo António, Manuel Nobre, de 34 anos, engatador de caruagens dos caminhos de ferros Sul e Sueste, natural de Odeirama e residente na Travessa Luis de Camões, 14, no Barreiro, que na estação desta via foi colhido pelo comboio ficando com o pé esquerdo esmagado.

Com alta

Da enfermaria de Santo António, do hospital de S. José, saiu hoje com alta José Agostinho Neves, de 16 anos, peão, residente na rua Gilberto Rolal, 88-2.º, a Alcantara, um dos feridos com estilhaços da bomba que na madrugada de 29 de Dezembro último explodiu na Calçada do Combro.

A Novela Vermelha

Julião Quintinha, o festejado autor dos *VIZINHOS DO MAR*, cujo successo estrondoso os jornais vem registando dia a dia, acaba de publicar na nossa interessantissima coleção *A NOVELA VERMELHA* um trabalho literário de grande valor a que deu o sugestivo titulo de *DOR VITORIOSA*.

Todos os admiradores de Julião Quintinha — que vem de revelar-se poderosamente com o seu livro *VIZINHOS DO MAR* — devem ler a *DOR VITORIOSA*, para conhecer o espirito bondoso e terno do autor.

DOR VITORIOSA é uma novela encantadora, muito simples, onde perpassa entrecortada de dor infinda, a revolta dum espirito idealista, que ama e aspira a uma sociedade melhor, mais justa, mais acolhedora para os humildes, para os infelizes.

Com este admirável trabalho fecha a 1.ª série de dez números da *NOVELA VERMELHA* que tantas sympathias tem despertado entre todas as classes sociais, não menadamente a trabalhadora.

Pode dizer-se, pois, que a primeira série da *NOVELA VERMELHA* fecha com chave de ouro.

A *DOR VITORIOSA* encontra-se à venda na administração de *A Batalha* e em todas as livrarias e quiosques.

A's Associações e Cooperativas

Empregado de escrita, oferece os seus serviços mediante pequena retribuição, Carta a H. N., Campo de Santa Clara, 140, 2.º.

Sociedades de recreio

Belém Club. — Realiza-se no próximo sábado as festas do 23.º aniversário que constam dum sessão solene e dum recita e baile. Subirá a scena a peça *20.000 dollars*. Haverá um bôdo a 50 pobres. Recebem-se 5 senhas para o bôdo, que agradece.

Concentração Musical 24 de Agosto. — Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral para apreciar uma proposta da direcção sobre aumento de contas.

DESPORTOS

Rio de Janeiro Foul-Ball Club

Reúne hoje, em assembleia geral pelas 20 horas, com o seguinte ordem de trabalhos:

Nomeação da comissão organizadora das festas do aniversário e dum vogal para a direcção.

ACABA DE APARECER: PROCRIAÇÃO CONSCIENTE

(Páginas de práticas neo-malthusianas)

● Descrição dos órgãos genitais.
● Valor exacto dos meios a empregar.
● Injeções.
● Preservativos, etc.

Preço, \$25 — Pelo correio, \$30

AS COOPERATIVAS

Vendem-se de hoje até domingo, pelas 18 horas, os utensílios e artigos de mercancia da Cooperativa A Comunidade do Alto do Pinho, para liquidação.

Cooperativa Operária de Crédito e Consumo do Beato e Poço do Bispo

Por ordem do sr. presidente da assembleia geral é a mesma convidada a reunir a 1.ª convocação no dia 22 e em 2.ª no dia 29 do corrente mês para apreciação do relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal do exercício de 1921. — O secretário, Domingos Xavier.

PROFESSORA

Joven camará, diplomada e com pratica, deseja lugar em instituição operária de Lisboa, arredores ou linha de Sintra ou Cascais, C. N., rua Sara, 25, Queluz.

A COMUNA

Semanário Comunista Libertário

Redacção e Administração Rua do Sol, 131 — PORTO

Caminhos de Ferro Portugueses

HORARIO DOS COMBOJOS

5.º Aditamento ao cartaz horário D 156

Sud-Express PARIS-LISBOA

Por motivo de mudança da hora legal em França, desde 27 do corrente a marcha do comboio n.º 51, Sud-Express, entre Paris-Lisboa, é alterada no percurso da Companhia de Pampilhosa a Lisboa-Rosário conforme a seguir se indica, passando este comboio a ser designado pelo n.º 52:

Pampilhosa — Partida, 16-45; Coimbra B — Chegada, 17-05; Lisboa, 17-08; Entrecamões — Chegada, 18-07; Partida, 18-55; Lisboa-Rosário — Chegada, 21-00.

Tramways entre COIMBRA e FIGUEIRA

Em consequência da alteração acima indicada, o comboio tramway n.º 535, entre Coimbra e Figueira de Pos é suprimido, estabelecendo-se em substituição o comboio tramway n.º 536 com a seguinte marcha:

Coimbra — Partida, 16-15 — Coimbra B — Partida, 16-18 — Benfculha (ap.) — Partida, 16-52 — Casais (ap.) — Partida, 16-58 — Tavira — Partida, 16-42 — Amaral (ap.) — Partida, 16-51 — Figueira (ap.) — Partida, 16-53 — Fomosa — Partida, 17-03 — Alarcos — Partida, 17-15 — Montemor (ap.) — Partida, 17-17 — Marnai (ap.) — Partida, 17-24 — Verdelha — Partida, 17-28 — Bevilas (ap.) — 17-35 — Lousa de Lousa (ap.) — Partida, 17-46 — Lousa — Partida, 17-49 — Santa Aleixo (ap.) — Partida, 17-50 — Fontela (ap.) — Partida, 17-52 — Figueira da Foz — Chegada, 17-53.

Lisboa, 17 de Março de 1922.
O director geral da companhia: Ferreira de Mesquita.

POLICLINICA DE ALCANTARA

RUA DA FABRICA DA PÓLVORA, 6 (A esquina da Calçada da Pampilha)

Cirurgia geral — Dr. Sabino Pereira, às 12 horas.
Medicina geral — Dr. Castro Rolal Pereira, interno dos hospitais, às 10 horas.
Doenças da boca e dentes — Dr. João Gonçalves, chefe de serviço odontológico de Hospital da Marinha, às 15 horas.
Doenças das crianças — Dr. Luis Barata, interno dos hospitais, às 15.
Doenças da garganta, nariz e ouvidos — Dr. Sousa Pereira, às 14 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Soterio Senna, especializado por Bordeaux e Halle (Alemanha), às 10 horas.

Doenças da pele e sífilis — Dr. Meneses Sampaio, especializado pela Faculdade de Medicina de Paris, às 11 horas.
Doenças dos rins e vias urinárias — Dr. Matos Ferreira, interno do serviço urológico do Hospital de S. José, às 10.30 horas.
Doenças das senhoras — Dr. João Almeida, interno dos hospitais, às 14 horas.
Aplicações electricas, massagens, electroterapia, aparelhos ortopédicos e ginecológicos — Dr. Pinto de Miranda, chefe dos serviços ortopédicos da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Gymnastica medica — Dr. Elias Barata.
Análises toxicas — Dr. Luis Figueira, assistente do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana.
Raio X — Dr. Branco Gentil, assistente do Serviço Radiológico do Hospital de Santa Maria.

NOTA — A Policlínica tem sala para intervenções cirurgicas

Servico de vacinas às quintas-feiras

Uma chávena de cacau da S I C

vale mais como alimento, que 5 chávenas de café, e não é prejudicial à saúde como este.

